

Oração semanal

(5ª-feira, Páscoa 2)

Serra do Pilar, 27 abril 2017

- P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;
fica connosco (Lc 24,29), Aleluia, Aleluia!
- R. E desça sobre nós a tua bênção, Aleluia, Aleluia !
- P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!
- R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de João (3,7b-15)

Disse Jesus a Nicodemos: *Não te admires por eu ter dito: Vós tendes de nascer do alto. O vento sopra onde quer e tu ouves a sua voz mas não sabes para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito.* Nicodemos interveio e disse-lhe: *Como pode ser isso?* Jesus respondeu-lhe: *Tu és mestre em Israel e não sabes estas coisas? Em verdade, em verdade te digo: nós falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos, mas vós não acreditais no meu testemunho. Se vos falei das coisas da terra e não acreditais, como é que haveis de acreditar quando ouvis falar das do céu? É que ninguém subiu ao céu a não ser aquele que dele desceu, o Filho do Homem. Assim como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim também é necessário que o Filho do Homem seja levantado ao alto a fim de que todo aquele que acredita nele tenha a vida eterna.*

Salmo 150

Aleluia!

Louvai o Senhor na santidade do seu Templo,
louvai-O no firmamento do seu poder!
Louvai o Senhor no esplendor das suas obras,
louvai-O na imensidão da sua grandeza!

Louvai o Senhor com o som das trombetas,
louvai-O com a harpa e com a cítara!
Louvai o Senhor com as flautas e as danças,
louvai-O com as liras, com o tambor!

Louvai o Senhor com os címbalos sonoros,
louvai-O com os címbalos triunfantes!

Que todos os seres que vivem e respiram
proclamem as maravilhas do Senhor!

Glória ao Pai, que nos fala pelas obras,
e ao Filho, que nos trouxe a Palavra!
Glória ao Espírito que nos foi dado
para entendermos as maravilhas do Senhor!

Em que consiste a ressurreição de Jesus?

Que queriam dizer os cristãos da primeira geração quando falavam de "Cristo ressuscitado"? Em que estavam eles a pensar?

A ressurreição foi uma coisa que aconteceu a Jesus. Uma coisa que se produziu no crucificado e não na imaginação dos seus seguidores. Tal era a convicção de todos. A ressurreição de Jesus foi um facto real e não um produto da sua fantasia nem o resultado da sua reflexão. Também não foi uma maneira de dizer que se tinha despertado novamente neles a fé em Jesus. É certo que no coração dos discípulos brotou uma fé rejuvenescida em Jesus, mas a sua ressurreição foi um facto anterior, que precede a tudo o que os seus seguidores puderam viver depois. Foi precisamente esse acontecimento que os arrancou da sua desorientação e frustração, transformando radicalmente a sua adesão a Jesus.

Essa ressurreição não era um retorno à sua vida anterior na terra. Jesus não regressava a esta vida biológica que conhecemos, para morrer um dia de maneira irreversível. As fontes nunca sugerem uma coisa desse género. A ressurreição não era uma reanimação de um cadáver. Era muito mais. Os primeiros cristãos nunca confundiram a ressurreição de Jesus com a que terá acontecido com Lázaro, a filha de Jairo, e o jovem de Naím. Jesus não voltara a esta vida, mas entrara definitivamente na "Vida de Deus". Uma vida liberta, onde a morte já não tinha nenhum poder sobre ele. Afirma-o Paulo de maneira taxativa: "Sabemos que Cristo, ressuscitado de entre os mortos, já não morrerá; a morte não tem mais domínio sobre ele. Pois, na morte que teve, morreu para o pecado de uma vez para sempre; e na vida que tem, vive para Deus". Contudo, os relatos evangélicos sobre as "aparições" de Jesus ressuscitado podem criar em nós certa confusão. De acordo com os evangelistas, Jesus podia ser visto e tocado, podia comer, subir ao céu até ficar ocultado por uma nuvem. Se entendermos estes pormenores narrativos ao pé da letra, daria a impressão de que Jesus tinha regressado de novo a esta terra para andar com os seus discípulos como antes. Porém, são os próprios evangelistas a dizer-nos que não era bem assim. Jesus era o mesmo, mas não era o de antes; apresentava-se-lhes cheio de vida, mas não o reconheciam imediatamente; estava no meio dos seus, mas não o podiam reter; era alguém real e concreto, mas não podiam conviver com ele como na Galileia. Era, sem dúvida, Jesus, mas com uma existência nova.

Os seguidores de Jesus também não entenderam a sua ressurreição como uma espécie de sobrevivência misteriosa da sua alma imortal, ao jeito da cultura grega. O ressuscitado não era alguém que sobrevivia depois da morte, despojado da sua corporeidade. Eles eram hebreus e, segundo a mentalidade deles, o "corpo" não era simplesmente a parte física ou material de uma pessoa, qualquer coisa que se podia separar da outra parte espiritual. O "corpo" era toda a pessoa, tal como ela se sentia enraizada no mundo e a conviver com os outros. Ao falarem de "corpo" estavam a pensar na pessoa como o seu mundo de relações e vivências, com todo o seu historial de conflitos e feridas, de alegrias e sofrimentos. Para eles, era impensável imaginar a Jesus ressuscitado sem corpo. Isso seria qualquer outra coisa, mas não um ser humano. Mas, naturalmente, não estavam a pensar num corpo físico, de carne e osso, submetido ao poder da morte, mas num "corpo glorioso" que recolhia e dava plenitude à sua vida concreta neste mundo. Deus, ao ressuscitar Jesus, ressuscitou a sua vida terrena marcada pela sua entrega ao reino de Deus, os seus gestos de bondade para com os mais pequenos, a sua juventude interrompida tão abrupta e violentamente, as suas lutas e conflitos, a sua obediência até à morte. Jesus ressuscitara com um "corpo" que recolhia e dava sentido pleno à totalidade da sua vida terrena.

Para os primeiros cristãos, acima de qualquer outra representação ou esquema mental, a ressurreição de Jesus era uma intervenção de Deus que, com toda a sua força criadora, o resgatava da morte para o introduzir na plenitude da sua própria vida. Era assim que o proclamavam incessantemente as primeiras profissões da fé cristã e os primeiros pregadores. De alguma maneira, digamos assim, Deus surpreendeu Jesus, no próprio interior da morte, infundindo-lhe toda a sua força criadora. Jesus morrera a gritar: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" e, ao morrer, encontrou-se com seu Pai, que o acolheu com amor imenso, impedindo que a sua vida ficasse aniquilada. No mesmo momento em que Jesus sentiu que todo o seu ser se perdia definitivamente, seguindo o triste destino de qualquer ser humano, Deus interveio para lhe oferecer a sua própria vida. Quando, para Jesus, tudo parecia estar acabado, Deus fazia principiar algo de radicalmente novo. Quando tudo parecia afundar-se sem remédio no absurdo da morte, Deus dava início a uma nova criação.

Essa ação criadora de Deus a acolher Jesus no seu mistério insondável era um acontecimento que ia para além do enredo desta vida em que nós nos movemos. Subtraía-se a qualquer experiência que possamos ter neste mundo. É impossível ser representado adequadamente seja pelo que for. Por isso, nenhum evangelista se atreveu a narrar a ressurreição de Jesus. Ninguém podia ter sido testemunha dessa intervenção transcendente de Deus. A ressurreição já não pertencia a este mundo que nós podemos contemplar. Por isso, não se pode dizer que tenha sido propriamente um "acontecimento histórico", como tantos outros que acontecem no mundo e que podemos

testemunhar e verificar, mas foi um facto real, que aconteceu realmente. E não só isso. Para os que acreditam em Jesus ressuscitado, é o facto mais real, importante e decisivo de todos os que se deram na história humana, pois ele constitui o seu fundamento e a sua verdadeira esperança.

Como é que os cristãos da primeira geração se referiram a essa ação criadora de Deus, que não encaixa dentro da nossa capacidade de observação? A linguagem de Paulo é esclarecedora. Segundo ele, Jesus ressuscitou pela "força" de Deus, que é a que lhe faz viver a sua nova vida de ressuscitado. Por isso, estando ele cheio dessa força divina, podia ser chamado "Senhor", com o mesmo nome que se dava a lavé entre os judeus de língua grega. Diz também Paulo que foi ressuscitado pela "glória" de Deus, ou seja, por essa força criadora e salvadora em que se revelava a sua grandeza. Por isso, Jesus ressuscitado possuía um "corpo glorioso", o que não queria dizer que possuísse um corpo radiante e resplandecente, mas uma personalidade transbordante de força gloriosa do próprio Deus. Finalmente, diz que foi ressuscitado pelo "espírito" de Deus, pelo seu alento criador. Por isso, o seu corpo ressuscitado era "um corpo espiritual", isto é, plenamente vivificado pelo alento vital e criador de Deus.

Os primeiros cristãos pensavam que com esta intervenção de Deus se iniciava a ressurreição final, a plenitude da salvação. Jesus fora somente o "primogénito de entre os mortos", o primeiro a nascer para a vida definitiva de Deus. Ele tinha-se-nos antecipado no gozo de uma plenitude que também nos espera a nós. A sua ressurreição não era qualquer coisa privada, que só a ele pertencia, mas o fundamento e garantia da ressurreição da humanidade e da criação inteira. Jesus era "as primícias", o primeiro fruto de uma colheita universal. "Deus, que ressuscitou o Senhor, há de ressuscitar-nos também a nós, pelo seu poder". Ao ressuscitar Jesus, Deus começava a "nova criação". Deixava a sua ocultação e revelava a sua última intenção, aquela que procurava desde o princípio, quando criou o mundo: partilhar a sua felicidade infinita com o ser humano.

(José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 432-435)

Oração final

Concede-nos, Deus todo-poderoso,
que as festas pascais que celebramos
e este sacramento da Morte e Ressurreição de Jesus
reanimem as Igrejas e esta Igreja que integramos:
porque também a Páscoa
é "uma passagem prà outra margem"!
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo que nos habita!
Amén!